

COLUNA DO CASTELLO

Do agoniado compatriota

NÃO basta ao Presidente em exercício, Sr. José Sarney, ser "exemplar" no seu comportamento em relação ao Presidente enfermo. É preciso que, como chefe do Governo, ele seja também eficaz, isto é, assuma na plenitude suas responsabilidades e imponha sua autoridade aos partidos e aos Ministros que compõem com ele o Governo da Aliança Democrática. Nada lhe falta para isso, a não ser um ato de vontade e uma assessoria dinâmica e agressiva. Do General Leônidas Pires Gonçalves ao líder operário Luís Inácio da Silva, passando pela mais qualificada expressão da inteligência brasileira e enveredando pelos partidos ilegais de origem revolucionária, todos o apóiam em nome da preservação da legalidade, mas todos se impacientam e angustiam com sua demora em nomear, demitir e governar como verdadeiro chefe de Governo.

Coube, mais uma vez, a esse impressionante Sobral Pinto manifestar, como "um compatriota agoniado", o desejo generalizado de, dada a longa interinidade do Vice-Presidente, concitá-lo a não faltar ao seu dever, comportando-se, em tal emergência, como o Presidente efetivo se comportaria. A enfermidade do Sr. Tancredo Neves, na melhor das hipóteses, será longa, dados os recursos de que a medicina mundial dispõe — e há indícios de consultas internacionais iniciadas pelo Instituto do Coração — para manter a sobrevida de pessoas atingidas por uma sucessão de acidentes de saúde que normalmente seriam fatais. O Sr. Tancredo Neves pode ser mantido vivo e até superar suas crises com o instrumental da ciência médica, mas na verdade não terá tão cedo condições de exercer o Governo e atender a seus compromissos.

Esses compromissos foram lembrados por Sobral Pinto. São de economia dos gastos, de combate à inflação, de luta contra o aviltamento da moeda, de luta contra a corrupção, de supressão de privilégios, de restauração da federação, eliminando centralismos que oneram os orçamentos estaduais e municipais. O roteiro é claro e seguido envolve tomar providências imediatas e enérgicas para que não se consuma o capital de esperanças acumulados por Tancredo Neves e transferidos, ainda que interinamente, mas por longo tempo, a José Sarney. As demonstrações de confiança no Presidente aí estão manifestadas e claras. A rede de embaraços está apenas numa tessitura política a ser desfeita pela energia do comando e a afirmação da autoridade.

O mártir do Presidente Tancredo Neves deu a dimensão do mito a uma personalidade política que, ao longo de cinquenta anos, teve um desempenho competente e equilibrado, mas que só na reta final da sua vida se tornaria confluência de aspirações generalizadas de uma nação carente de líderes e de verdadeiros condutores, despojados daquela índole de violência invocada por Afonso Arinos de Melo Franco na solenidade no Ministério da Cultura, no Rio de Janeiro, no gabinete do Ministro José Aparecido, ornado com os famosos painéis de Portinari, e na presença de Austregésilo de Athayde e Barbosa Lima Sobrinho — um grupo que, pela ilustração e longevidade, se reuniu como uma espécie de conselho de sábios cuja lição deve ser ouvida pelo Presidente José Sarney.

Também o sociólogo Gilberto Freire, no mesmo local, embora lamentando a ausência de mulheres e de negros no ministério, apontou ao Presidente em exercício o caminho dos atos de grandes repercussão social. O mestre de Apipucos identifica o novo mito nacional na figura agora carismática de Tancredo Neves, mas manifestou a esperança de que Sarney se revele também um grande líder. A oportunidade está aberta. O poder está nas suas mãos. Que ele o exerça.

As medidas adotadas, por enquanto, carecem de organicidade e não definem um comportamento abrangente. Afinal, mandar executar o programa de emergência, quando os Ministros da Fazenda e do Planejamento não localizam os recursos para tal e defendem a prioridade do combate à inflação, pode ser apenas uma atitude inspirada pelo nervosismo do seu Ministro da Saúde. O Governo deve reunir-se em equipe e o Presidente terá de ter uma assessoria vigilante e dinâmica, que não fique presa ao drama do Instituto do Coração. O Presidente em exercício precisa vencer seu constrangimento e sua delicadeza, substituindo-as pelas virtudes viris de um homem de Estado, demonstrando que ele também possui as qualidades para realizar o programa da Aliança Democrática, fonte e inspiração do poder emergente.

Não há a lista de Aécio

Afirma o Deputado Israel Pinheiro Filho, informado pelo Deputado Aécio Cunha, pai do neto do Presidente Tancredo Neves, que o rapaz não trouxe a Brasília qualquer lista de pessoas a serem nomeadas para cargos nos diversos escalões administrativos. Aécio Neves Cunha veio a Brasília simplesmente para, em seu nome, em nome do seu tio Tancredo Augusto e do Secretário para Assuntos Extraordinários Mauro Salles, pôr os respectivos cargos à disposição do Presidente em exercício, deixando-o à vontade para armar sua própria equipe de assessoramento.

CARLOS CASTELLO BRANCO